

## OS TIJOLOS ARTESANAIS DE BREJO DA MADRE DE DEUS E A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE HISTÓRICA E TECTÔNICA DE UMA CIDADE

Roberto Araújo<sup>1</sup>

### RESUMO

São objetivos deste artigo desenvolver argumentos sobre a preservação de um ofício em extinção e de um componente técnico-construtivo que se entende como fundamental na preservação da identidade histórica e tectônica de uma cidade. As duas questões que se colocam neste artigo se apresentam como verdadeiros dilemas: como e por que preservar em Brejo da Madre de Deus um ofício tradicional em vias de extinção tão ineficiente e sem os atributos contemporâneos de sustentabilidade como a produção de tijolos artesanais a partir de “fornos de meda”?

**Palavras-chave:** Tijolos artesanais; fornos de meda; técnicas construtivas luso-brasileiras.

### ABSTRACT

The objectives of this article are to develop arguments about the preservation of an endangered craft and a technical-constructive component that is understood as fundamental in the preservation of the historical and tectonic identity of a city. The two questions that arise in this article are presented as real dilemmas: how and why to preserve in Brejo da Madre de Deus a traditional endangered craft so inefficient and without contemporary sustainability attributes such as the production of handmade bricks from “meda ovens”?

**Keywords:** artisanal bricks; meda ovens; luso-brasilian constructive techniques.

## 1. INTRODUÇÃO

"Estes tijolos são frequentemente mal feitos, a argila é mal desembaraçada dos cascalhos mais grossos e a queima não é de modo algum satisfatória. O barro, porém, de que são feitos é de tão boa qualidade que podem suportar cargas enormes e se prestam a notáveis ousadias de construção." (Louis Leger Vauthier. Casas de Residência no Brasil, Carta II in FREYRE, Gilberto. Um Engenheiro Francês no Brasil, pág. 830).

---

<sup>1</sup> Prof. Adjunto do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. robertodaraujo@hotmail.com.

Este artigo tem origem na participação do autor como consultor do Plano de Preservação do Sítio Histórico de Brejo da Madre de Deus (sede municipal) levado adiante pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) entre os anos de 2010-2011.

Situada na Zona do Agreste de Pernambuco<sup>2</sup>, a cidade de Brejo da Madre de Deus teve como marco inicial o estabelecimento, em 1751, da Congregação de São Felipe Néri próximo ao futuro núcleo urbano atual, decorrendo daí os primeiros contatos com a população indígena da região. Sua evolução urbana foi lenta e só em 1833 alcançaria o status de vila. O Município possui atualmente 45.000 habitantes.

O casario desta pequena cidade se constitui, além de exemplares formais do Século XVIII, XIX e XX (arquitetura Eclética), de uma interessante arquitetura Vernácula onde se destaca, em primeiro lugar, suas virtudes tectônicas em harmonia com a paisagem natural conformada por um extenso vale. Entende-se que tal qualidade - advinda de uma arquitetura sem arquitetos e sem norma - só pode ser explicada por teorias como as de Christopher Alexander<sup>3</sup>.

Para este autor são características importantes desta arquitetura o crescimento em pequenas doses e o estabelecimento de padrões espontâneos coletivamente estabelecidos (Figs. 1-6).



Figura 1: Casa provavelmente do final do século XVIII.  
Fonte: O autor, 2009.



Figura 2: Casa de Câmara e Cadeia.  
Fonte: O autor, 2009.

<sup>2</sup> A Zona do Agreste possui clima seco e solo pedregoso com rios intermitentes (temporários), vegetação é rala e de tamanho pequeno.

<sup>3</sup> Ver ALEXANDER, Christopher. *El Modo Intemporal de Construir*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1979.



Figura 3: Casario de Brejo da Madre de Deus (décadas de 20-30 do século XX).  
Fonte: O autor, 2009.



Figura 4: Casario de Brejo da Madre de Deus (décadas de 20-30 do século XX).  
Fonte: O autor, 2009.



Figura 5: Casario de Brejo da Madre de Deus. Construção contemporânea.  
Fonte: O autor, 2009.



Figura 6: Casario de Brejo da Madre de Deus. Construção contemporânea.  
Fonte: O autor, 2009.

Em segundo lugar, destaca-se a utilização de tradicional alvenaria constituída de um tijolo de aspecto rústico produzido não em olarias, mas, em um tipo de forno ocasional “forno de meda”<sup>4</sup>). Estes fornos são montados com os próprios tijolos a serem cosidos dispostos lado a lado em forma de pirâmide truncada no canteiro de obras de cada nova edificação ou em terreno próximo.

Entretanto, desde os anos 80 do século XX se iniciou um processo de acentuada verticalização do casario – particularmente do Sítio Histórico - com a construção de sobrados com até quatro pisos, vulgarizando-se, a partir daí, o uso de lajes pré-moldadas e pilares e vigas de o concreto armado, além do uso de tijolos furados industrializados. Outro fato observável é o paulatino abandono das técnicas e materiais tradicionais (Figuras 7 e 8).

<sup>4</sup> O termo “meda” é utilizado e descrito por SEGURADO, João Emilio dos Santos. *Materiais de Construção*. Bertrand, Lisboa, s/d. Ver item “Cozedura da Cal em medas”, pags. 95-96.



Figura 7: Verticalização em Brejo da Madre de Deus e novos tipos de tijolos.  
 Fonte: O autor, 2009.



Figura 8: Verticalização em Brejo da Madre de Deus e novos tipos de tijolos.  
 Fonte: O autor, 2009.

## 2. TIJOLOS ARTESANAIS E FORNOS DE MEDA

As olarias foram, provavelmente, uma das primeiras indústrias coloniais introduzidas no Brasil, mesmo antes dos engenhos de açúcar. Por uma razão qualquer, as suas formas primitivas de produção atravessaram os séculos e ainda hoje é possível encontrar olarias artesanais em plena produção em muitos estados brasileiros. Elas se mantiveram ativas a partir de uma técnica transmitida na prática como todos os ofícios mecânicos da antiguidade.

Dependentes dos barreiros e das matas contíguos para existirem, aos poucos foram se afastando dos grandes centros urbanos e se instalando nos núcleos mais simples e distantes, adequados a uma limitada produção. Isto aconteceu também na medida em que os processos de produção de tijolos e telhas foram transformados pela introdução de máquinas nas olarias nas últimas décadas do século XIX.

A produção de tijolos artesanais, que se inclui no conjunto de técnicas construtivas luso-brasileiras aportadas desde o Primeiro século da colonização, foi de dois tipos: a de estrutura provisória (a mais primitiva e com “fornos de meda”) e a de estrutura fixa (com forno descontínuo), constituindo olarias propriamente ditas.

Comparativamente com este último tipo, os fornos de meda são maiores consumidores de combustível (lenha, e no caso, proveniente da escassa vegetação da Caatinga<sup>5</sup>). A cozedura dura de dois a seis dias, conforme o grau de umidade dos tijolos e da lenha empregada. Tendo em conta a forma de cozimento rudimentar, os tijolos afastados do fogo ficam geralmente crus e os mais próximos recozidos.

<sup>5</sup> No Brasil, o ecossistema denominado “Caatinga” engloba as zonas do Agreste e do Sertão. Ver nota 1.

Ainda, a percentagem de tijolos mal cozidos varia de 15 a 30%. Por conta de tais características foram, mesmo no Período Colonial, substituídos por fornos de estrutura fixa e de queima mais regular. Uma curiosidade sobre a forma destes tijolos está nas suas dimensões: tal qual os tijolos do Período Colonial, apresentam correspondência apenas entre o comprimento e a largura ( $C = L/2$ ).

A série de fotos abaixo ilustra a singeleza do processo de produção (Figuras de 9-14).



Figura 9: Escavação no barreiro do fundo do quintal.  
Fonte: O autor, 2019.



Figura 10: Amassamento do barro e retirada de pedriscos.  
Fonte: O autor, 2019.



Figura 11: Preenchimento das formas.  
Fonte: O autor, 2019.



Figura 12: Desmoldagem.  
Fonte: O autor, 2019.



Figura 13: Secagem dos tijolos crus.  
Fonte: O autor, 2019.



Figura 14: O forno de Meda logo após a queima.  
Fonte: O autor, 2019.



Figura 15: O desmonte do forno quase completo.  
 Fonte: O autor, 2019.



Figura 16: O orgulhoso filho do oleiro apresentando o produto.  
 Fonte: O autor, 2019.

Deve-se lembrar que os tijolos artesanais provenientes ou não de “estruturas fixas” (com forno descontínuo e constituindo olarias propriamente ditas), ultrapassaram toda a nossa história. Se o aparecimento das primeiras olarias industrializadas no Brasil aconteceu provavelmente a partir da segunda metade do século XIX, a utilização destes tijolos em Pernambuco foi contínua desde o século XVII e se estendeu até os dias atuais.

Um fato surpreendente foi verificar que isso não se deu apenas nas obras de pequeno porte e populares ou interioranas... Recentemente este fenómeno de permanência, foi comprovado durante prospecções para o Projeto de Conservação e Restauro do conjunto edificado Instituto de Zootecnia do Leite e Derivados e Usina Higienizadora, projeto e construção do DAU de Luiz Nunes em 1935/1936.

Assim, ficou constatado que mesmo em edificações contemporâneas especiais onde seus construtores primavam por se mostrarem “modernistas” e onde o concreto armado imperava, o uso de tijolos artesanais fora comum!

As fotos 17 a 21 apresentam tais tijolos localizados na alvenaria do corpo principal do edifício e amostras similares dispersas no terreno. A forma, a aparência e as dimensões anotadas não deixam dúvidas sobre a sua origem artesanal.



Figura 17: Projeto de Conservação e Restauro do conjunto edificado Instituto de Zootecnia do Leite e Derivados e Usina Higienizadora. Vista posterior.  
Fonte: O autor, 2019.



Figura 18: Projeto de Conservação e Restauro do conjunto edificado Instituto de Zootecnia do Leite e Derivados e Usina Higienizadora. Detalhe da Vista posterior.  
Fonte: O autor, 2019.



Figura 19: Projeto de Conservação e Restauro do conjunto edificado Instituto de Zootecnia do Leite e Derivados e Usina Higienizadora. Comprimento do Tijolo.  
Fonte: O autor, 2009.



Figura 20: Projeto de Conservação e Restauro do conjunto edificado Instituto de Zootecnia do Leite e Derivados e Usina Higienizadora. Largura do Tijolo.  
Fonte: O autor, 2009.



Figura 21: Projeto de Conservação e Restauro do conjunto edificado Instituto de Zootecnia do Leite e Derivados e Usina Higienizadora. Espessura do tijolo.  
Fonte: O autor, 2009.

### 3. DILEMAS DA PRESERVAÇÃO

Duas questões surgem, neste artigo, como verdadeiros dilemas: “como” e “porque” preservar em Brejo da Madre de Deus um ofício tradicional em vias de extinção tão ineficiente e sem os atributos contemporâneos de sustentabilidade como a produção de tijolos artesanais a partir de forno de meda?

Em primeiro lugar, deve-se lembrar o quanto tais componentes são fundamentais na preservação da identidade histórica e tectônica da cidade de Brejo da Madre de Deus. Assim, ao se referir a um ofício que se manteve incólume por 264 anos, revela-se seu interesse histórico. Em segundo lugar deve-se lembrar que justamente às qualidades físicas do seu tijolo se deve o “arrojo” e a durabilidade do casario da cidade.

### 5. CONCLUSÃO

Entende-se que o conhecimento técnico-construtivo em todas as suas dimensões é um pressuposto da Preservação e Conservação do Patrimônio Arquitetônico. Deste modo, o que se propõe é a elaboração de uma Pesquisa que tenha que seja desenvolvida a partir de uma pesquisa histórica que envolva, principalmente, os aspectos tecnológicos dos fornos de meda para a produção de tijolos artesanais como técnica memorial, inclusive no Brasil e a continuidade de seu uso no país.

Faz-se necessária também a elaboração de um mapeamento dos fornos de meda, com localização no município do Brejo da Madre de Deus, incluindo a quantificação e a distribuição territorial desses fornos na cidade.

O ciclo produtivo deste material deve ser analisado considerando o suprimento de matéria prima, a mão de obra utilizada, a organização operacional, a descrição dos procedimentos na elaboração dos tijolos, a tipologia, o dimensionamento, os mecanismos de mercado (estocagem, venda e identificação de consumidores), bem como a relação de preço com os tijolos industrializados.

Por fim, é importante também avaliar a possibilidade de proteção patrimonial deste ofício tradicional da construção civil, ainda pouco estudado.

Os esforços para a preservação dos fornos de Meda de Brejo da Madre de Deus pressupõem ações que parecem ir contra o bom senso social e econômico. Porém, o que está

em jogo, é a preservação do conhecimento técnico-constructivo ao ponto de fatos peculiares como a observação do engenheiro Louis Leger Valthier - anunciada na nota inicial deste Artigo - possa ser plenamente entendida.

A produção de “sucedâneos” talvez seja uma alternativa para a permanência destes tipos de produção de tijolos em Pernambuco. Neste caso, todo o rico patrimônio arquitetônico do Estado de Pernambuco seria beneficiado justamente por exibir formas de produção presentes desde o Período Colonial.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALEXANDER, Christopher. **El Modo Intemporal de Construir**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 1979.

ARAÚJO, Roberto A. Dantas de. **O Ofício da Construção na Cidade Colonial - Organização, Materiais E Técnicas (O caso pernambucano)**. Tese de Doutorado, USP/FAU, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Um Engenheiro Francês no Brasil**. Tomo I e II. José Olympio Ed.: Rio de Janeiro, 1960.

FUNDARPE. **Plano de Preservação – Revisão os Parâmetros Normativos do Centro Histórico de Brejo da Madre de Deus**. Recife, 2010.

OLIVEIRA, Valério Martins de. **Advertências aos modernos que aprendem os ofícios de pedreiro e carpinteiro**. Lisboa, 1748.

RUDOLFSKY, Bernard. **Architecture Without Architects**. Doubleday and Company, Garden City; New York, 1964.

SEGURADO, João Emilio dos Santos. **Materiais de Construção**. Livraria Bertrand, Lisboa, s/d.